



BRASIL REAL – CARTAS DE CONJUNTURA ITV. PUBLICAÇÃO QUINZENAL, Nº 40, MARÇO/2009

## Recessão é o preço da inércia do governo Lula

**Síntese:** *O governo Lula pouco fez até agora para antepor-se à recessão. Ao contrário dos demais países, que agiram rapidamente, aqui as ações seguem em banho-maria. É o que ocorre com a taxa básica de juros. O Brasil caminha para ter patamares historicamente baixos, mas fará isso – se vier mesmo a fazer – com imenso atraso em relação ao que há meses tornou-se um padrão mundial. O preço da demora vem expresso em desemprego e na retração da atividade econômica: desde outubro, o saldo de demissões soma quase 800 mil. Maior prejudicada pelo arrocho e pela falta de oxigênio que o juro alto acarreta, a indústria murcha: o segmento de bens duráveis já encolheu 34% desde setembro.*

O desempenho da economia brasileira nos últimos meses e sua mais completa tradução – os números do PIB de 2008 – são o retrato fiel de quão pouco o governo Lula fez para antepor-se à crise. Mais que isso, indica o preço que toda a sociedade está pagando pelas atitudes (ou a falta delas) de um governo que preferiu esperar para ver ao invés de agir. Os custos são dolorosos e vêm expressos em desemprego aos milhares, produção declinante nas linhas de fábrica e perda de vigor do parque produtivo nacional. Poderia ter sido diferente.

Passados seis meses da eclosão do episódio que detonou a fase mais aguda da crise – a quebra do banco Lehman Brothers, em 15 de setembro – é difícil conseguir apontar medidas efetivas tomadas pelo governo brasileiro a tempo e à hora para fazer frente ao novo cenário mundial. O que se viu foram políticas inerciais, preocupadas em simplesmente realizar mais do mesmo, como se as condições não houvessem se alterado profundamente.

O caso mais crítico é o da política monetária. Quem observa o que ocorre no Brasil tem a sensação de estar diante de outro planeta, em outra galáxia. Os juros aqui praticados destoam de tudo o que ocorre no mundo. Enquanto a maior parte das economias reduziu rápida e substancialmente suas taxas, a trajetória brasileira mantém-se numa quase inalterada linha horizontal. O Brasil paga hoje juros reais de 6,5% ao ano, ante 8,1% no início da crise. Desnecessário dizer que, como já acontece há anos, somos o país que pratica as mais altas taxas do mundo, exotismo que só fez exacerbar-se na atual recessão.

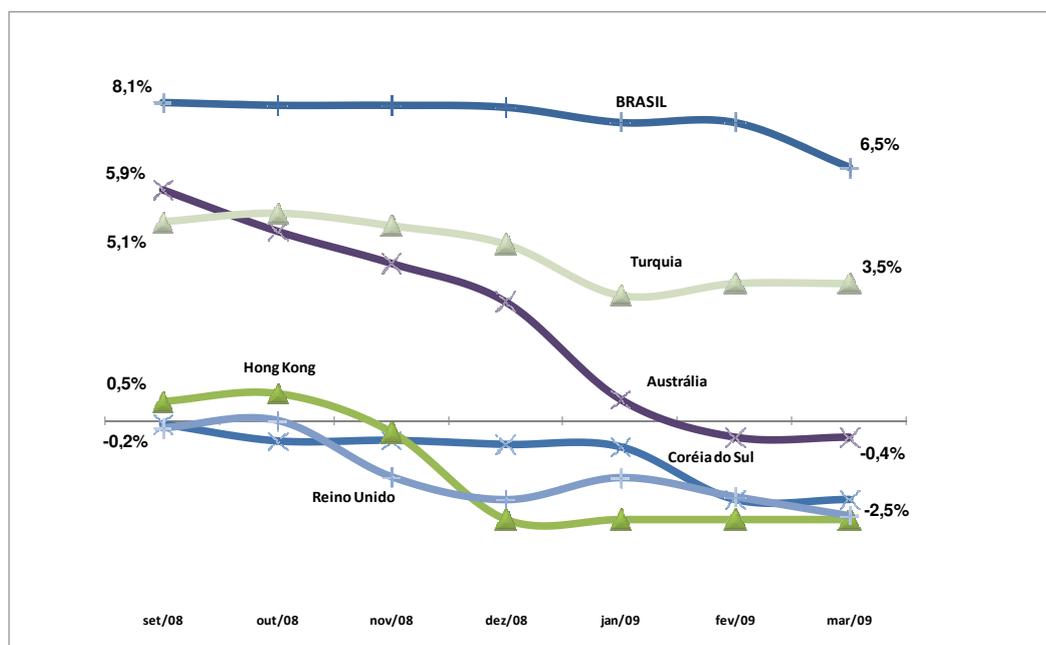
### Em todo o mundo, juros já estão historicamente baixos

Pode-se argumentar que o país caminha para ter taxas historicamente baixas em curto horizonte. Se o Banco Central de Lula não sofrer novo surto autista, é bem provável que isso ocorra. Mas, numa crise aguda sem precedentes em muitas décadas, como a que atravessamos, o mais importante não é o ponto de chegada, mas a velocidade do cruzeiro. Ou seja, de pouco adiantará um corte que chegue tarde, depois que milhões de empregos tiverem sido dizimados e uma penca de empresas tiver sido riscada do mapa. Um país não se reconstrói da noite para o dia e o preço da inércia tende a ser perigosamente

alto. É necessário pressa.

Não é apenas o Brasil que ruma em direção a juros historicamente baixos. Em praticamente todas as nações economicamente relevantes do mundo é lá, no fundo do poço, que as taxas reais já se encontram – há meses. A situação é tão desesperadora e a necessidade de revigorar a atividade econômica tão premente, que, em muitos casos, o custo do dinheiro é menor do que a inflação estimada, fazendo com que os juros sejam negativos, como ocorre em Austrália, Bélgica, Canadá, Itália, Reino Unido, Rússia e Suécia, para ficar apenas em alguns exemplos. A média de juros entre 40 nações desenvolvidas e em desenvolvimento é de 0,1%, segundo a UpTrend Consultoria Econômica.

### Taxas de juros reais no mundo



Fontes: FMI, Banco Central do Brasil e Bloomberg. Elaboração: UpTrend Consultoria Econômica.

Tomando por base o que preveem as cerca de 100 instituições financeiras ouvidas pelo BC semanalmente, chegaremos ao fim do ano com taxas reais – ou seja, descontada a inflação projetada para os 12 meses seguintes – de 4,5%. Se, por um milagre, isso ocorresse hoje, ainda assim o Brasil se manteria na dianteira do ranking mundial de juros, apenas perdendo a liderança para a Hungria – mesmo assim, na improvável hipótese de aquele país decidir não reduzir sua taxa básica interna.

### Custo alto em número de empregos dizimados

Nunca foi tão fácil reduzir o custo do capital e, assim, estimular o empreendedor privado a fazer o que o setor público federal definitivamente não consegue: investir. As projeções para a inflação deste ano mantêm-se em contínuo declínio. Para o câmbio, que já provou não causar maiores temores, em razão da queda histórica das cotações das commodities em todo o mundo, a perspectiva é de estabilidade. Ou seja, no horizonte não há nuvens capazes de turvar a mudança da política monetária e os efeitos benéficos que o desaperto nos juros poderá trazer para toda a economia. Exceto, claro, a perseverança no erro que caracteriza o governo petista.

É preciso agir rápido para frear a desbragada escalada do desemprego. Em apenas quatro meses, o saldo é de 788.336 empregos eliminados, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). O resultado acumulado em 12 meses caiu praticamente à metade desde outubro: de 1,9 milhão de empregos gerados para pouco mais de 1 milhão. Ao contrário do que sustenta Lula, o resultado positivo de fevereiro não traz alívio: o saldo de 9.179 de admissões no mês é apenas uma pálida sombra do desempenho histórico observado neste período do ano. Tomados os valores desde 2000, a média para fevereiro é de geração de 108 mil empregos – o pior número até agora havia sido verificado em 2005, com saldo de 73.285.

Motor do mais recente ciclo de expansão econômica no país, é a indústria, principalmente a de transformação, quem sofre as piores consequências da falta de ação oficial. Desde setembro, a categoria de bens de consumo duráveis, por exemplo, viu sua produção murchar 34%, o dobro da redução verificada no setor secundário como um todo. Com isso, o saldo de demissões acumulado no segmento nos últimos quatro meses é de 465.615.

O Brasil foi o país cujo PIB teve um dos piores desempenhos no último trimestre do ano passado: entre países da OCDE só a Coreia do Sul saiu-se mais mal. Argumenta-se que o tombo de 3,6% na comparação com os três meses anteriores – que, se expressos de forma anualizada, equivalem a uma retração de brutais 15,2% em 12 meses – deve-se ao vigor com que o país vinha crescendo. Mas isso só reforça a convicção de que, se a velocidade da nossa economia era de cruzeiro, maiores motivos e melhores condições o país tinha para ter se defendido da crise.

O que o oficialismo preferiu, porém, foi surfar na “marolinha” de Lula ou acomodar-se à “pequeninha gripe” de Dilma Rousseff. Vive-se hoje a ressaca. A expectativa de que o Brasil conseguiria safar-se da crise não resistiu a um espirro. Só com uma boa dose de sorte, já que o governo do PT nada faz de fato para evitar isso, escaparemos da recessão. Não é só. O mais provável é que 2009 feche no vermelho – pelo Boletim Focus, do BC, já não se aposta em nada acima de um crescimento pro forma de 0,01% em 2009. Se algo for feito já, surge alguma chance de salvar o ano... de 2010. O corrente parece perdido, rifado pela prostração que distingue a gestão Lula.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.  
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

---

**INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA**

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br